



EIXO 3: POLÍTICAS CURRICULARES, AVALIAÇÃO E TRABALHO DOCENTE NO ÂMBITO LOCAL, NACIONAL, REGIONAL E GLOBAL

A FACE PERVERSA DA BNCC: PEDAGOGIA DAS COMPETÊNCIAS E A OBSOLESCÊNCIA PLANEJADA DO CONHECIMENTO

Cláudio Maia
UFCAT
claudio_maia@ufcat.edu.br
Geovana Reis
UFG
geovanareis@ufg.br
Renato Gomes Vieira
UFG/IFG
renatogomes@ufg.br

Resumo

Este trabalho faz parte de uma pesquisa bibliográfica sobre o modo como se processa o aligeiramento e o esvaziamento da Educação. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), núcleo central deste trabalho, nos leva para a construção de um currículo centrado em competências e habilidades, deixando em segundo plano conhecimentos científicos, artísticos e filosóficos importantes para a formação da juventude. Neste sentido a centralidade desta política curricular está na pedagogia das competências e na obsolescência planejada dos conhecimentos.

A pedagogia das competências

A BNCC foi homologada em 20 de dezembro de 2017 para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental; e no dia 14 de dezembro de 2018 para o Ensino Médio, após a Reforma do Ensino Médio (Lei 13.415/ 2017), as duas hegemonizadas na sua construção final pelos setores empresariais.

A BNCC segue tendências internacionais de currículos minimalistas que priorizam a padronização, centralização e controle do conhecimento e das atividades docentes com avaliações de larga escala para, por um lado, responsabilizar as escolas e punir docentes e alunos, enquanto por outro, precariza a formação das classes trabalhadoras (Apple, 2003; Freitas, 2018).

A pedagogia das competências é uma forma de organizar a educação



configurada para substituir a “lógica dos conhecimentos” pela “lógica das competências” (Laval, 2004) que na Base, é entendida como a utilização de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver os problemas da vida em sociedade e do mundo do trabalho. (Brasil, 2018).

A pedagogia das competências alinha habilidades, atitudes, valores e conhecimentos com o objetivo de preparar os estudantes para o mercado de trabalho. As competências, como conhecimento aplicado, voltam-se para uma educação puramente instrumental para atendimento de demandas empresariais neoliberais. Trata-se de um utilitarismo educacional unidimensional na construção dos conteúdos para o “saber fazer” no mundo do trabalho (Ramos, 2006).

Numa sociedade onde a incerteza e a precariedade são normas para os empregos, a escola deve contribuir ao “ensinar” pragmaticamente certas “competências” socioemocionais, especialmente a resiliência, a maleabilidade, o autocontrole, a adaptabilidade e a flexibilidade, com a finalidade de que crianças e jovens aceitem passivamente as formas atuais de trabalho com um perfil mais “cooperativo”, “participativo”, “colaborador”, de modo que, sendo empregado ou não, a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso profissional é individualizada, tirando o peso da sociedade. Para aqueles que conseguem um emprego, essas competências os preparam para aceitar as exigências e os controles impostos pelo ambiente de trabalho. (Heloani, 2003).

A essência da educação, nesse novo modelo, é a adaptação do aluno às competências socioemocionais exigidas pelo capitalismo contemporâneo. Essas habilidades são agora parte do currículo e serão medidas em avaliações escolares e nacionais. O objetivo é padronizar comportamentos e ações, fragmentando o ser humano ao separá-lo de sua dimensão integral, que abrange os aspectos orgânico, psíquico, social, individual e histórico. A proposta é isolar a dimensão afetiva da cognitiva, apenas para que ambas possam ser medidas, avaliadas e controladas. (Smolka, 2015).

A obsolescência planejada dos conhecimentos



Fica claro que a ênfase no aspecto afetivo-emocional, separado do cognitivo, é uma característica basilar da pedagogia das competências (Ramos, 2006). Essa abordagem, que prioriza desempenhos e condutas, é considerada mais importante do que a "lógica dos conhecimentos", que engloba artes, linguagens, ciências e filosofia, disciplinas essenciais na escola (Saviani, 2011). O resultado é um currículo mais restrito e superficial, com menos carga horária para as disciplinas tradicionais e uma maior ênfase na aplicação prática do conhecimento. (Ramos, 2006).

Com essa abordagem, o conhecimento perde sua profundidade, e a formação crítica e intelectual dos alunos, especialmente os das classes trabalhadoras, é gravemente comprometida.

Chamamos essa situação de obsolescência planejada, um conceito que Mészáros (2011) usou para descrever como a vida útil dos produtos se torna cada vez menor. Aplicando essa ideia à educação, podemos observar essa referida estratégia na BNCC com o uso decrescente e, no limite, da descartabilidade dos conhecimentos na formação da juventude.

Conclusão provisória

A BNCC, alicerçada na pedagogia das competências e na obsolescência planejada dos conhecimentos, representa um documento prescritivo e padronizador, um currículo que impõe um “conhecimento oficial” (Apple, 1999), ao gosto do setor empresarial neoliberal, e que atenta contra a necessidade de uma educação no âmbito de uma escola que proporcione uma verdadeira educação integral, extremamente importante para crianças e jovens.

Palavras-chave: BNCC. Competências. Obsolescência.

Referências

APPLE, Michael. **Conhecimento oficial:** a educação democrática numa era conservadora. Petropolis RJ: Vozes, 1999.
_____. **Educando à direita:** mercados, padrões, Deus e desigualdade. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2003.



BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular:** educação é a base. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2018.

FREITAS, Luiz Carlos. **A reforma empresarial da educação:** nova direita, velhas ideias. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

HELOANI, Roberto. **Gestão e organização do capitalismo globalizado.** São Paulo: Atlas, 2003.

LAVAL, Christian. **A Escola não é uma empresa.** O neoliberalismo em ataque ao ensino público. Londrina: Editora Planta, 2004.

MÉSZÁROS, Istvan. **Para além do capital.** São Paulo: Boitempo Editorial/Editora Unicamp, 2002.

RAMOS, Marise. **Pedagogia das competências:** autonomia ou adaptação? São Paulo: Cortez, 2006.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica:** primeiras aproximações. Campinas: Autores Associados, 2011.

SMOLKA, Ana Luiza et al. O problema da avaliação das habilidades socioemocionais como política pública: explicitando controvérsias e argumentos. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 36, n. 130, p. 219-242, 2015.